

Carlos Bettencourt Faria, português que colaborou com a NASA, foi assassinado há 40 anos em Angola

Fernando Santos (ex-editor do bissemanário Luso Americano e que acaba de publicar interessante livro sobre portugueses que combateram pelos Estados Unidos), mandou-me um artigo que alguém lhe enviou sobre Carlos Mar Bettencourt Faria, português assassinado à catanada em Angola, em julho de 1976,



EXPRESSAMENDES

Eurico Mendes

pelo “crime” de ter dotado Angola com o único observatório existente ao tempo no continente africano. Conheci Bettencourt Faria, embora ele vivesse em Luanda e eu na cidade do Uíge, então chamada Carmona e onde eu era chefe de produção do Rádio Clube do Uíge. Retransmitíamos o programa Café da Noite, de Sebastião Coelho, onde Bettencourt Faria mantinha a rubrica O Cosmos em sua Casa e tivemos oportunidade de falar inúmeras vezes. O Café da Noite foi um marco na história da radiodifusão e do jornalismo angolanos e Sebastião Coelho, um radialista (como então se dizia) foi uma referência inultrapassável. Perdemos contato quando vim para os Estados Unidos em fins de 1973, mas o programa manteve-se até fevereiro de 1975, quando desapareceu na onda de violência que atravessou Angola. Sebastião Coelho já nem assistiu à independência, abalou para Buenos Aires, onde reorganizou a vida e faleceu em 2002, com 71 anos. Bettencourt foi um dos portugueses que decidiram ficar em Angola e pagou isso com a vida. Era um tipo genial. Construiu com as suas próprias mãos aquilo a que chamou Centro Espacial da Mulemba, a 13 quilómetros de Luanda, onde dava largas à sua paixão pela astronomia. Colaborava com a NASA recolhendo dados enviados pelos satélites ou estabelecendo contato com os astronautas e tive oportunidade de ouvir a gravação de uma conversa que Bettencourt Faria teve com Neil Armstrong, o astronauta que ao pisar pela primeira vez a Lua no dia 20 de julho de 1969 disse uma frase que ecoou pelo mundo: “Este é um pequeno passo para o homem, um gigantesco salto para a humanidade”. Refira-se que o Rádio Clube do Uíge transmitiu em direto esse momento histórico, em cadeia com a Emissora Nacional e com comentários do Eurico da Fonseca, meu ilustre xará e vizinho de mesa no café Lusitano, em Almada, e do Mário Meunier, que veio depois a trabalhar na Voz da América, em Washington e acabou os seus dias em suicídio. Tudo isso já lá vai, mas permito-me lembrar que até à independência, o jornalismo que se fazia em Angola, sobretudo na rádio, era francamente melhor do que aquele que se fazia em Portugal. Querem nomes? O Sebastião Coelho, Santos e Sousa, Brandão Lucas, Artur Peres, Alice Cruz, Ruth Soares, Carlos Cruz, Rui Romano e João Canedo Berenguel e muitos outros que reorganizaram a vida em Portugal e noutras paragens. Canedo por exemplo, que era o técnico de som e sonoplasta do Sebastião Coelho, foi um dos fundadores da rádio jornal TSF de Lisboa. Era filho de Joaquim Berenguel e irmão do Manuel Berenguel, que trabalhou comigo em Carmona e considero uma espécie de afilhado. O Joaquim, que era chefe dos serviços de produção do Rádio Clube de Malange, telefonou-me um dia a informar que o filho ia casar e precisava de emprego. Falei com João Nogueira, presidente do Rádio Clube do Uíge e o Manuel Berenguel apareceu em Carmona com a mulher e um Toyota Corolla novinho em folha e que terá sido dos primeiros a circular em Angola. Entretanto, vim para os Estados Unidos e o Berenguel conseguiu enfiar-se na Emissora Oficial de Angola, em Luanda, atual Rádio Nacional e onde se tornaria um repórter notável para a época agitada que se viveu antes e após a independência com as lutas entre os três movimentos nacionalistas e das quais ele próprio foi vítima. Não conheço pormenores, mas Manuel Berenguel parece ter sido desnecessária e sumariamente executado num assalto à Rádio Nacional que, numa homenagem póstuma, atribuiu o seu nome a um complexo desportivo em Luanda, onde se realizam competições de futebol e outras modalidades. Por Manuel Berenguel, Bettencourt Faria e tantos outros portugueses e angolanos que deram a vida por Angola, já é tempo dos angolanos se entenderem e serem felizes. E vamos ao artigo sobre o genial Carlos Mar Bettencourt

Faria, filho de uma micalense dos Ginetes (Maria da Luz Ferraz Leça Faria), que, quando o filho nasceu de olhos azuis, resolveu dar-lhe o nome de Mar.



Carlos Mar Bettencourt Faria no Observatório da Mulemba colhida do blogue do seu irmão, Mário Portugal Bettencourt Leça Faria, conhecido radio-amador residente em Benavente e falecido em 2011.

No próximo dia 4 de Julho passam 40 anos sobre a morte de uma figura que prestigiou Angola e Portugal no campo das comunicações rádio, da astronomia e da conquista espacial. Carlos Mar Bettencourt Faria, criador do histórico Observatório da Mulemba, a 13 km de Luanda, morreu assassinado em 4 de Julho de 1976 nas imediações da instituição que criara.

Segundo o seu sobrinho Luis Filipe Bettencourt, os últimos tempos de vida do seu tio em Angola foram traumatizantes: bens pessoais confiscados, correspondência e telefone vigiados, pessoal estranho ao serviço do observatório a querer

saber como tudo funcionava, e, finalmente, no domingo de 4 de julho de 1976, traiçoeiramente degolado ao baixar o vidro do carro, quando cumprimentava o “segurança” de serviço no portão principal das suas próprias instalações.

Acautelando eventuais suspeitas no conturbado período que precedeu e acompanhou a independência de Angola, Bettencourt Faria já tinha clarificado o seu posicionamento numa entrevista a um jornal angolano em 8 de dezembro de 1974:

“Eu sou daqueles que acreditam neste país e nas suas gentes; sou dos que vieram para ficar; dos que deram os melhores anos da sua vida por um ideal ao serviço do povo angolano. As minhas actividades foram, são e serão sempre apolíticas, dedicadas ao bem comum, à elevação constante do nível cultural de toda uma comunidade”.

O parágrafo dessa entrevista foi lembrado num texto do jornal A Ilustração de 20 de julho de 1976, cujo recorte Manuel Figueiredo tem deixado para a posteridade através do blogue que mantém na internet. O Observatório Astronómico da Mulemba, que Carlos Mar Bettencourt Faria criara em 10 de outubro de 1956 nos arredores de Luanda e que fez crescer com enorme esforço e entrega pessoal para ultrapassar conhecidas dificuldades económicas, está também a celebrar 60 anos de existência.

A posição a que o Observatório se foi guindando nos meios científicos internacionais gerou-lhe a admiração e o aplauso de muitos, mas, sendo projecto e obra de um autodidata, também lhe mereceu algum despeito nos meios académicos nacionais.

“Muitos foram os países que relataram as actividades do Observatório da Mulemba e elogiaram o talento excepcional de Bettencourt Faria, mas os organismos oficiais portugueses, especialmente aqueles que mais directamente deveriam congratular-se com o êxito obtido por um cidadão português, observatórios e seus dirigentes, ficam estranhamente mudos. O triunfo de Bettencourt Faria faz sombra aos seus ‘colegas’ de actividade” – relata com mágoa o artigo não assinando do jornal A Ilustração, acrescentando:

“Carlos Mar Bettencourt Faria era um português que recebeu dos estrangeiros o reconhecimento do seu mérito, enquanto os seus compatriotas o ‘tentavam’ esquecer, amarrados à mediocridade de conceitos elitistas que se padronizaram pela obtenção de ‘canudos’ e como Bettencourt era um autodidacta, não deveria ser reconhecido o seu mérito”.

A conjuntura científica em que Bettencourt Faria se movimentava e onde ele – em termos portugueses – era um pioneiro a abrir caminhos é descrita por Fernando Ribeiro num artigo que dedicou ao cientista em 2006 no seu blogue A Matéria do Tempo:

“Num tempo em que a Terra ainda não estava rodeada

por satélites de comunicações, a NASA tinha necessidade de dispor de uma rede de colaboradores espalhados pelo mundo, que recolhessem os dados enviados pelos satélites e que estabelecessem contacto com os astronautas, servindo de ‘ponte’ entre o Espaço e a sede da NASA. O Centro Espacial da Mulemba, em Angola, era o único observatório em todo o continente africano a fazer essa ‘ponte’” – recorda Fernando Ribeiro.

Fernando Ribeiro lembra ainda a conversa que ouviu entre Bettencourt Faria e Neil Armstrong quando o astronauta pisou solo lunar em Julho de 1969 juntamente com Buzz Aldrin. Esta conversa também a puderam ouvir os angolanos graças ao programa radiofónico “Café da Noite”, dirigido por Sebastião Coelho, e onde Bettencourt Faria mantinha a rubrica “O Cosmos em sua Casa”.

O National Environmental Satellite Service da NASA também manteve contactos com o Observatório da Mulemba, como aconteceu, possivelmente pela última vez, em novembro de 1974. Como recorda Manuel Figueiredo na fonte atrás citada, o Observatório da Mulemba tinha “por finalidade fazer estudos solares, nomeadamente: fotografias integrais diárias, contagem de manchas, heliografia, espectrografia e heliografia, recepção de ondas electromagnéticas; fazer qualquer espécie de astro-fotografia; proceder a estudos de rádio-astronomia e rastreios de satélites artificiais. Neste último trabalho, Bettencourt Faria foi o único português que registou e fotografou em aparelhagem apropriada os sinais emitidos pelo primeiro Sputnik russo”.

Na sua actividade científica, Bettencourt Faria também não se esqueceu de incentivar os mais jovens a abraçar a área do conhecimento técnico que era a dele.

Aceitou ser padrinho do GAAM-Grupo Amador de Astronomia e Missilismo, que com sede na Cova da Piedade, arredores de Lisboa, juntava nos anos 1960’s um punhado de adolescentes seduzidos pela saga da conquista do espaço.

Faziam parte desse grupo Victor Manuel Castelo, José Manuel Silva, Jorge Manuel Rodrigues, Maria de Lurdes Lopes da Cruz, Maria Alice Lopes da Cruz, José Carlos Parente, Hélder Costa Campos e Ana Ramon.

Partira de Ana Ramon – que tinha a seu cargo a correspondência e a divulgação do GAAM - o convite dirigido a Bettencourt Faria para apadrinhar o grupo, segundo lembrou já em 2007 no blogue “A Paixão dos Sentidos”:

“Eu escrevera-lhe para pedir informações e contactos que nos fossem úteis aqui em Portugal e a partir daí gerou-se uma grande amizade entre nós os dois. Ainda conservo algumas, apenas três, das suas cartas e um postal enviado da Polónia, que são um exemplo da simplicidade dos homens grandes”.

As iniciativas do GAAM chegaram a merecer duas vezes as atenções do antigo vespertino lisboeta Diário Popular, e também a da Embaixada dos Estados Unidos. Victor Manuel Castelo e José Manuel Silva foram mesmo convidados a completar os estudos nos Estados Unidos, mas o serviço militar obrigatório traçou-lhes outro destino.

“Era um pequeno grupo, unido pelo desejo de conseguir lançar foguetes que pudessem transportar e regressar com pequenos animais vivos” – contou Ana Ramon, que hoje vive no distrito de Viseu, onde, quando o tempo lho permite, continua a alimentar o seu blogue “A Paixão dos Sentidos”.

Como atestam todos os que o conheceram, Carlos Mar Bettencourt Rodrigues era um superdotado que para além do nível científico alcançado nos campos das engenharias eléctrica e mecânica, da biologia e da astronomia, era também um homem equipado com muitas outras qualidades que o afirmaram também como músico, pintor e escultor.

Era natural de Lisboa, onde nasceu a 13 de fevereiro de 1924, mas também teve anos de infância nos Açores, onde o avô foi médico, e onde frequentou o liceu de Ponta Delgada, e na ilha da Madeira, onde um tio cônego e autodidacta na área das ciências práticas o iniciou nos segredos da rádio, da astronomia e da biologia marítima. Tinha 14 anos quando o pai, Carlos Mar, faleceu, sendo forçado a interromper os estudos, a procurar empregos de ocasião mas mantendo a paixão de sempre nas áreas das engenharias eléctrica e mecânica, das comunicações rádio e da astronomia. Passou pela Marinha, no Alfeite, e foi, depois, funcionário da TAP nos Açores, mas aos 27 anos estava a caminho de Angola para ir trabalhar na Diamang, a concessionária da exploração diamantífera no território. Em 1956, fundou o Observatório da Mulemba, nas imediações do Cacuaco, a 13 km de Luanda. Em 4 de julho de 1976, oito meses depois da independência de Angola, morreu assassinado. Faz agora 40 anos.